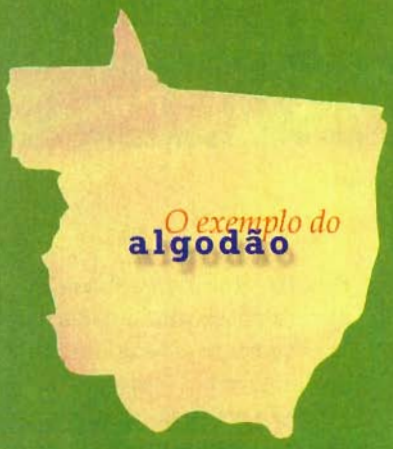


O exemplo do algodão

Mato Grosso está contribuindo para a retomada da auto-suficiência brasileira na produção de algodão

Onde o menos vale mais

No estado de Mato Grosso, a renúncia fiscal resultou em um aumento surpreendente da arrecadação

MÁRCIO BUENO

Com uma área 3,4 vezes maior que a do estado de São Paulo, Mato Grosso está caminhando celeremente no sentido de tornar sua força econômica mais compatível com o gigantismo territorial. E tudo indica que o rumo foi encontrado no casamento entre as propostas geradas pela sociedade e as ações governamentais. Um dos exemplos mais significativos foi a instituição do Proalmat – Programa de Incentivo à Cultura do Algodão de Mato Grosso – em 1997, que levou o estado a sair de uma produção, no ano anterior, correspondente a apenas 9,5% da produção nacional para a de maior produtor do Brasil. A estimativa é de que em 2001 a produção da pluma de algodão em Mato Grosso chegue a 56,1% da produção nacional, ou seja, maior que a produção somada de todos os outros estados. O governador Dante de Oliveira é um entusiasta das iniciativas empresariais: "o mérito mais significativo do Proalmat é que a proposta veio do setor privado e foi acatada por nós, indicando um diálogo muito significativo que estabelecemos com a sociedade produtiva".

Setor privado com iniciativa

Representantes do setor privado fazem coro com esse entusiasmo pelo intercâmbio entre governo e sociedade. Um deles é Cloves Vettorato, gaúcho radicado há muitos anos em Mato Grosso e diretor de Relações Institucionais da Fundação Mato Grosso, uma entidade de direito privado. Para ele, uma das peculiaridades do estado, que o diferencia de outros da Federação, são as pessoas. Em resumo, Vettorato entende que Mato Grosso conta com uma iniciativa privada que tem iniciativa, que, em vez de se lamentar ou de encaminhar simples sugestões ao Estado, encaminha projetos elaborados.

Em 1995, os produtores de algodão tiveram sérios prejuízos com

Marcio Bueno é jornalista.



a safra, em razão de doenças desconhecidas que atacaram os algodoeiros. Cerca de 30 produtores, liderados por grandes empresários como Blairo Maggi, Adílton Sachetti e Álvaro Salles,

Mato Grosso conta com uma iniciativa privada que tem iniciativa, que encaminha projetos

solicitaram à FMT – Fundação Mato Grosso – o desenvolvimento de um programa de pesquisas semelhante ao da soja. A Fundação buscou estabelecer parcerias tecnológicas e contratar pesquisadores e consultores especializados, o que propiciou um grande aumento de produtividade da cultura do algodão. No ano seguinte, a entidade elaborou uma proposta de programa de incentivos semelhante ao da suinocultura, que já existia. O da suinocultura – Granja de Qualidade –, também elaborado pela Fundação, partia do princípio de que os incentivos tinham de ser seletivos, condicionados a não se cometerem os mesmos erros de outros estados, com a contaminação dos lençóis freáticos e desrespeito ao meio ambiente. O programa tinha sido aprovado no ano anterior e previa a renúncia fiscal pelo estado de até dois terços do ICMS, desde que os produtores atendessem a uma série de requisitos: contar com animais oriundos de áreas livres de doenças; ter assistência técnica; dar destinação correta aos dejetos e animais mortos; e ter o projeto de criação aprovado por órgãos de controle do meio ambiente. A iniciativa incluiu a criação de um fundo, o Fasm – Fundo de Apoio à Suinocultura Mato-grossense –, com os seguintes objetivos: fazer o *marketing* da carne suína; investir em pesquisas e treinamento de mão-de-obra; e promover a difusão de novas tecnologias. O recursos vinham dos próprios produtores, que encaminhavam ao Fasm 15% do valor da renúncia fiscal conseguida.

O projeto do Proalmat foi elaborado em 1996 e implantado em julho de 97, seguindo o mesmo modelo do programa da suinocultura, com algumas adaptações. O estado passou a renunciar a até 75% do ICMS, índices condicionados a vários requisitos, entre os quais a melhoria da qualidade da fibra do algodão, geração de emprego e renda e respeito ao meio ambiente. O Proalmat incluiu também a criação do Facual – Fundo de Apoio à Cultura do Algodão –, gerenciado pela iniciativa privada em parceria com o governo, tendo como metas financiar pesquisas de melhoramento genético, controle de pragas e doenças, capacitação de mão-de-obra, realização de eventos técnicos e campanhas de *marketing* do algodão de Mato Grosso. Da mesma forma que o Fasm, fundo da suinocultura, o Facual é sustentado pelos próprios produtores, que destinam ao Fundo 15% do valor da isenção fiscal conseguida. Por exemplo, o produtor que consegue 75% de isenção do ICMS, destina ao Facual 15% sobre 75, ou seja,

O *boom* do algodão em Mato Grosso

Área em mil hectares e produção em mil toneladas

	Área plantada				Produção de pluma			
Safra	Mato Grosso	Brasil	% MT/Br*	Brasil s/ MT	Mato Grosso	Brasil	% MT/Br*	Brasil s/ MT
1996	54	745	7,2	691	33	349	9,5	316
1997	55	636	8,7	581	35	305	11,5	270
1998	110	828	13,3	718	94	436	21,6	342
1999	200	694	28,8	494	243	536	45,4	293
2000	268	824	32,5	556	350	700	50	350
2001	370	858	43,1	488	481	858	56,1	377

O que querem dizer esses dados	
Crescimento de 1996 a 2001: (%)	
• Área plantada em Mato Grosso:	585
• Área plantada nos demais estados:	-29
• Produção em Mato Grosso:	1.358
• Produção nos demais estados:	19

• Mato Grosso produzia apenas 9,5% do total brasileiro e cinco anos depois chegou a nada menos que 56,1%. Ou seja, mais que a produção de todos os outros estados do Brasil juntos.

Fonte: Conab – Companhia Nacional de Abastecimento, do Ministério da Agricultura –, citada em publicações da Fundação Mato Grosso.

*Percentagem da área plantada em Mato Grosso e da produção de Mato Grosso em relação ao total do Brasil.

Cálculos elaborados com base nos números da Conab.

11,25% sobre o total. Como ele tem que recolher 25% do valor do ICMS devido e destinar 11,25% para o Fundo, o benefício final para o produtor é uma isenção de 63,75%.

Ovo de Colombo

Cloves Vettorato conta que o Proalmat foi aprovado oito meses depois de apresentado, com o apoio decidido do governador Dante de Oliveira e com a oposição de um setor da área econômica do governo, que não concordava com a renúncia fiscal. Esse setor, segundo Vettorato, fazia cálculos de quantas casas populares poderiam ser construídas com o montante da renúncia. Não se previa que o crescimento da produção seria tão grande que, mesmo com a renúncia, haveria um crescimento recorde da arrecadação do ICMS do algodão. O próprio presidente da Fundação Mato Grosso, Blairo Maggi, disse a Dante de Oliveira no dia da assinatura do projeto de lei: "governador, o senhor não sabe o que está assinando e os produtores não sabem o que estão recebendo". O sentido de suas palavras era de que ninguém tinha a noção exata dos benefícios que viriam. De fato, em 1996, quando não havia renúncia fiscal, a arrecadação de ICMS do algodão foi de R$3,4 milhões e, em 2000, tinha subido para R$37,7 milhões (já descontada a renúncia fiscal), o que significou um aumentou real de arrecadação direta de 1.009%. Há que se considerar também, embora neste caso seja impossível elaborar cálculos precisos, a arrecadação indireta sobre combustíveis, energia, comunicações, veículos. Enfim, sobre todos os produtos e serviços que são componentes da produção e comercialização do algodão e que se expandiram junto com a safra. E se forem confirmadas as previsões da Conab – mesmo assim subestimadas, segundo avaliação da FMT – para a produção de algodão em Mato Grosso, em 2001, a arrecadação será ainda muito maior (veja a tabela). A Conab é a Companhia de Abastecimento, do Ministério da Agricultura. O Proalmat acabou se tornando um verdadeiro ovo de Colombo, operando o milagre de transformar *menos* em *mais*.

A disparada da produtividade da pluma

Em toneladas por hectare

Safra	Mato Grosso	Brasil, sem Mato Grosso
1996	0,61	0,46
1997	0,63	0,47
1998	0,86	0,48
1999	1,21	0,59
2000	1,3	0,63
2001	1,3	0,77

O que querem dizer esses dados

Aumento da produtividade de 1996 a 2001

Estado de Mato Grosso: 113%

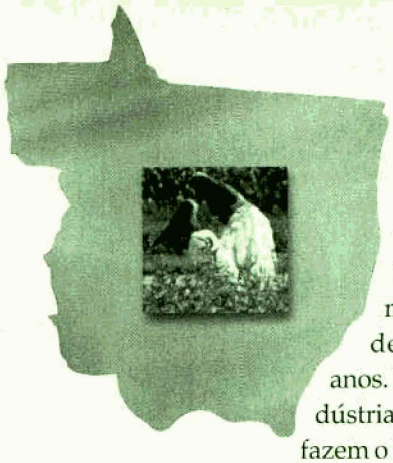
Brasil, sem Mato Grosso: 67%

Cálculos elaborados com base em dados da Conab – Companhia Nacional de Abastecimento, citados em publicações da Fundação Mato Grosso.

***O Proalmat acabou se tornando um verdadeiro ovo de Colombo, operando o milagre de transformar* menos em mais.**



"Desonerar o setor produtivo é investir na geração de empregos, renda e aumento da arrecadação, e o exemplo do Proalmat comprova, na prática, aquilo que o governo federal não está vendo ou não quer ver", afirma Vettorato com certa indignação, lembrando que a reforma tributária não sai do papel. Os benefícios para o estado não se resumiram ao grande incremento da arrecadação. A renda direta gerada pela comercialização chegou a R$ 874,4 milhões em 2000, valor 11,7 ve-



zes maior do que o de 1996. O número de empregos diretos e indiretos saltou de 12,5 mil para 80 mil nesse período de apenas quatro anos. E o número de indústrias algodoeiras que fazem o tratamento inicial cresceu de 11 para 156. O programa de incentivos ultrapassou todas as expectativas. De acordo com números da Conab, a área plantada no estado cresceu, em cinco anos, 585%, enquanto a área plantada no resto do país, excluindo Mato Grosso, sofria uma redução de 29%. Com o aumento da produtividade – propiciada pelos investimentos em pesquisas de melhoramento das sementes, adoção de novas tecnologias e treinamento de mão-de-obra –, a produção cresceu ainda mais que a área: 1.358%. No mesmo período, a produção nos demais estados brasileiros, excluindo Mato Grosso, cresceu apenas 19%. Em 1996, a produtividade da pluma de algodão produzida no estado já era maior que a média do resto do país: 610kg/ha (quilos por hectare), contra 460 kg/ha nos demais estados da Federação. Decorridos cinco anos, a diferença aumentou muito mais. Agora, em 2001, Mato Grosso está produzindo 1.300kg/ha de pluma, contra 770kg/ha nos outros estados.

Auto-suficiência

Com essa arrancada, Mato Grosso está contribuindo para a retomada da auto-suficiência brasileira na produção de algodão, como acontecia até 1991. Nesse ano, a área plantada foi de 1,9 milhão de hectares, e a produção de pluma, de 717 mil toneladas, o que tornava o Brasil não só auto-suficiente, como um grande exportador. Nos anos



seguintes, com a política do governo federal de privilegiar as importações, com a isenção de tarifas para a importação da pluma de algodão, ausência de política de incentivos e de investimentos em pesquisas, câmbio defasado e com os preços internacionais em queda, haveria um encolhimento brutal da área plantada e, conseqüentemente, da produção. O Brasil iria de um extremo ao outro, passando de grande exportador à condição de segundo maior importador mundial de pluma, gastando anualmente mais de US$1 bilhão para atender às demandas da indústria. Com a contribuição decisiva de Mato Grosso, o Brasil recuperou a auto-suficiência e, com a excelente qualidade do algodão produzido no estado, a exportação pode chegar a 150 mil toneladas este ano, com potencial para dobrar esse volume em 2002.

Na retomada do crescimento, analisa Vettorato, houve a participação importante do governo federal, tomando medidas como a ampliação dos limites de financiamento com juros favorecidos, elevação das tarifas de importação de zero para 6% e depois para 8%, criação de linhas de crédito para a indústria comprar o produto nacional nas mesmas condições do importado e o lançamento dos contratos de opção de venda e de compra. Essas medidas favoreceram obviamente os produtores de todo o país e se Mato Grosso deixou os demais estados comendo poeira, isso se deve às iniciativas tomadas no âmbito estadual e, em especial, ao Proalmat. A tal ponto que o programa foi copiado por Goiás, Mato Grosso do Sul e Bahia. Em Goiás, por exemplo, o nome do programa é Proalgo. Com essa generalização do programa, que inclui a renúncia fiscal parcial, a indústria começou a reduzir o preço pago pelo produto, o que representantes do setor algodoeiro dizem se tratar de uma apropriação do incentivo. A direção da Fundação Mato Grosso está atenta a esse desdobramento e já tem praticamente pronta uma proposta que possibilitará uma nova onda, mas que por enquanto prefere não divulgar. Isso confirma a fama do setor produtivo mato-grossense de jogar sempre na ofensiva. A combinação dessa característica do empresariado com a do governador Dante de Oliveira que, segundo Vettorato, cria um clima favorável, propício, e transmite confiança aos produtores, é de se esperar um novo salto na cultura do algodão, contribuindo para que o Brasil se transforme num grande exportador do produto.